



norteENERGIA
USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO
AMBIENTAL COMPONENTE INDÍGENA**

**Anexo 8.2.3.5.1 – 1 -
Monitoramento da fitofisionomia**

PROGRAMA DE GESTÃO TERRITORIAL INDÍGENA

PROJETO DE MONITORAMENTO TERRITORIAL

AÇÃO: MONITORAMENTO PARTICIPATIVO E DOS RECURSOS E AMBIENTES PRIORITÁRIOS

UHE BELO MONTE

NORTE ENERGIA SA



UnYLeYa Editora e Cursos S.A

DEZEMBRO/2016

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	3
2. OBJETIVOS E METODOLOGIA	3
2.1. OBJETIVO GERAL	3
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3
3. APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS DE MONITORAMENTO TERRITORIAL GESTÃO AMBIENTAL EM TERRAS INDÍGENAS	3
3.1. ABERTURA E INTRODUÇÃO	3
4. MONITORAMENTO DE FITOFISIONOMIAS	7
5. MONITORAMENTO AGRÍCOLA	13
6. MONITORAMENTO DA PESCA	17
7. MONITORAMENTO DA CAÇA	19
8. DETALHAMENTO DOS PRÓXIMOS MONITORAMENTOS	21
9. CONCLUSÃO	22

1. APRESENTAÇÃO

O presente anexo apresenta o desenvolvimento no período de julho a dezembro de 2016 dos resultados da ação monitoramento participativo dos recursos e ambientes prioritários que contempla os monitoramentos das fitofisionomias, do sistema agrícola, da caça e da pesca, na Terra Indígena Trincheira Bacajá;

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA

2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar as transformações no padrão de uso e ocupação do solo e na disponibilidade de recursos prioritários no interior e no entorno das TIs, por meio remoto, visando dimensionar o comprometimento da qualidade socioambiental dos territórios indígenas e contribuir para a implantação de medidas de mitigação e compensação dos impactos da UHE Belo Monte

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Caracterizar os sistemas indígenas de uso, manejo e conservação territorial visando subsidiar o etnozoneamento e a implementação de ações de gerenciamento ambiental das TIs;

Estabelecer indicadores ambientais de referência intercientíficos, a partir dos conhecimentos dos povos indígenas e da ciência ocidental, para acompanhar os resultados do Programa Gestão Territorial Indígena e monitorar as transformações ambientais nas TIs e no entorno ocorridas nas diversas fases do Empreendimento.

3. APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS DE MONITORAMENTO TERRITORIAL GESTÃO AMBIENTAL EM TERRAS INDÍGENAS

3.1. ABERTURA E INTRODUÇÃO

As ações de Monitoramento Participativo e dos Recursos e Ambientes Prioritários, que incluem monitoramento da caça e da pesca são realizadas de forma integrada e possuem como principais objetivos: mobilizar, engajar e formar as comunidades indígenas da terra indígena Trincheira Bacajá para o acompanhamento sistemático das atividades produtivas de pesca e caça e empoderar as comunidades indígenas para que se tornem ativas no processo de registro, documentação e avaliação das transformações ambientais e sociais que vivenciam.

Essa ação faz interface com o Programa de Supervisão Ambiental (PSA) e conta com oficinas de capacitação para os indígenas escolhidos pela comunidade, para que eles possam participar ativamente do monitoramento.

Em 30 de setembro 2016 foi realizada em Altamira-PA, uma reunião de alinhamento para cronograma das ações na Terra Indígena Trincheira Bacajá, que contou com a do representante indígena da Associação Bebô Xikrin do Bacajá (ABEX) e representantes da Terra Indígena Trincheira Bacajá A reunião é ilustrada nas Figuras 3.1-1 e 3.1-2.



Figura 3.1-1 Reunião de alinhamento de cronograma com representantes da TI Trincheira Bacajá



Figura 3.1-2 Reunião na sede da Unyleya para alinhamento de cronograma de atividades da TI Trincheira Bacajá

Conforme pactuação ocorrida em Altamira e em continuidade ao planejamento das ações deste projeto, foi realizada no dia 01/11/2016 a 1ª Oficina preparatória do monitoramento participativo dos recursos e ambientes prioritários da TI Trincheira Bacajá.

O conteúdo da oficina foi apresentado de forma bem didática, contemplando a exposição de vídeos e figuras didáticas, referentes a temática apresentada, com o objetivo de envolver os indígenas mais experientes - anciões que detêm o conhecimento tradicional do povo Xikrin. Dessa maneira, buscou-se valorizar as

práticas tradicionais indígenas, com o conhecimento técnico-científico. Cumpre destacar, a contribuição do indígena Takak Jakare que auxiliou a equipe do PGTI na tradução dos conceitos apresentados para toda a comunidade indígena e que também transmitia para equipe a percepção dos indígenas presentes relativa aos temas trabalhados.

A oficina foi iniciada com a retomada da definição de monitoramento, como o conjunto de atividades – articuladas, sistemáticas e formalizadas - de produção, registro, acompanhamento e análise crítica de informações geradas, conforme Figuras 3.1-3 e 3.1-4.



Figura 3.1-3 – Retomada dos temas tratados no período da assembleia



Figura 3.1-4 – Retomada dos temas tratados no período da assembleia

A equipe do PGTI então, explicou que os monitoramentos remotos realizados necessitam de complementação por monitoramento participativo para que as informações geradas sejam suficientes para identificar as ameaças ou potencialidades da terra indígena em âmbito de Gestão Territorial. Assim, os participantes foram incentivados a planejar e realizar um monitoramento, buscando identificar as ameaças e pressões sobre o seu território e propor medidas para efetivar ações de enfrentamento a elas. A atividade é ilustrada na Figura 3.1-5.



Figura 3.1-5 - Takak Jakare traduzindo para os não falantes

Após essa primeira problematização foi apresentado aos participantes quais são as modalidades de monitoramentos realizados no âmbito do PGTI que estão sendo realizados na TI Trincheira Bacajá:

- i) Monitoramentos remotos,
- ii) Monitoramento participativos.

Abordando a questão metodológica, no que tange a 2ª modalidade de monitoramento, foi apresentado aos participantes a importância da manutenção da aplicação do método para a obtenção dos dados dos monitoramentos participativos.

Foram exemplificados os principais tipos de métodos de amostragem e identificadas as algumas variáveis:

- a) Abundância nº de indivíduos (caça ou pesca),
- b) Abundância nº espécies,
- c) tamanho,
- d) peso,
- e) sexo,
- f) Frequência na obtenção dos dados/periodicidade durante um determinado ciclo hidrológico
- g) Área amostral – Tipo de habitat.

Foi apresentado ainda o procedimento de registro dos dados, que permitirão ao pesquisador ter um panorama espaciotemporal dos indicadores utilizados.

Os participantes assentiram de forma unanime a proposição apresentada, podendo então ser pactuadas as propostas para a realização dos monitoramentos participativos por parte da equipe do Programa de Gestão Territorial Indígena.

4. MONITORAMENTO DE FITOFISIONOMIAS

Em continuação a atividade, a segunda proposta apresentada a comunidade indígena foi referente ao monitoramento de fitofisionomias - para uma melhor compreensão deste conceito, pelos participantes, a equipe do PGTI, apresentou a definição desse conceito.

Na sequencia, buscando problematizar junto aos indígenas foram apresentados os seguintes questionamentos:

- Qual é a importância em não derrubar toda a floresta da TI Trincheira Bacajá?
- Que tipo de benefícios (serviços ecossistêmicos) são proporcionados ao se manter a floresta em pé?

Em resposta aos dois questionamentos os indígenas citaram que as florestas contribuem para a manutenção das águas nos igarapés, interferem no microclima da região, uma vez que nos locais onde há desmatamento o calor é mais intenso, citaram que a água da chuva não escorre na superficialmente do solo.

A equipe do PGTI contextualizou e complemento essa percepção, destacando que a manutenção da floresta diminui o escoamento superficial pluvial o que garante o aumento da permeabilidade do solo, contribuindo para a recarga do lençol freático, diminui o escoamento superficial das águas pluviais que evita a intensificação dos processos erosivos e o consequente assoreamento dos canais hídricos da região.

As funções da floresta em pé citadas foram: aumento da permeabilidade do solo e recarga das águas subterrâneas, diminuição do escoamento de água superficial para os rios e lagos e a regulação do microclima local. A ilustração da atividade nas Figuras 3.2-1 e 3.2-2.



Figura 3.2-1 – Oficina de monitoramento de Fitofisionomias



Figura 3.2-2 – Oficina de monitoramento de Fitofisionomias

Em referência a essa temática, o ancião Karangré Xikrin, falou que existem espécies que estão morrendo por causa do aumento da temperatura, entre elas: Banana Brava, Castanha e Açaí. A percepção do velho Karangré é no mínimo interessante tendo em vista que a variação da temperatura global – e seus efeitos – tem sido repetidamente discutida por pesquisadores e tomadores de decisões em todo mundo, conforme Figura 3.2-3.



Figura 3.2-3 – Ancião Karangré participando ativamente das discussões

A equipe então explicou a importância em monitorar os ambientes reconhecidos pelo povo Xikrin, no intuito de conservar locais de importância na alimentação, artesanato, caça, pesca e mesmo medicinal. Nestes ambientes selecionados, foi sugerido identificar alguns indivíduos, marcar a coordenadas de sua localização para georreferenciamento destes indivíduos em um mapa. Foi sugerido também coletar sementes e mudas das espécies de interesse ou ameaçadas com o intuito de trazer mais perto das aldeias – ação em interface com o Projeto de Conservação Territorial.

Por fim, foi mostrado, por meio de imagens o que é fragmentação de habitats e suas consequências na biodiversidade local, principalmente em relação a espécies mais sensíveis e com baixa resiliência a mudanças na paisagem. Foram definidos os conceitos de riqueza e abundância por meio de um exercício prático (em forma de imagens). Foi solicitado aos indígenas que contassem o número total de árvores e quantidade de tipo de árvores diferentes em diferentes ambientes, assim foi explicado que a espécie que possuía maior quantidade de indivíduos era mais abundante e o ambiente que tinha mais espécies era mais rico. A seguir foram expostas figuras diferenciando um ambiente mais rico em espécies em relação a outro com maior abundância de uma espécie.

Durante a oficina de Identificação das estratégias de plantio, manejo e recuperação ambiental, buscou-se saber junto aos indígenas do povo Xikrin, como estes caracterizam os diferentes tipos de vegetação. Percebeu-se que cada fase da regeneração natural é vista de uma forma diferente e recebe um nome diferente pelos indígenas. E que estes diferenciam cada fase da regeneração natural de acordo com a formação dos estratos arbóreos ilustrado na (Figura 3.2-4).

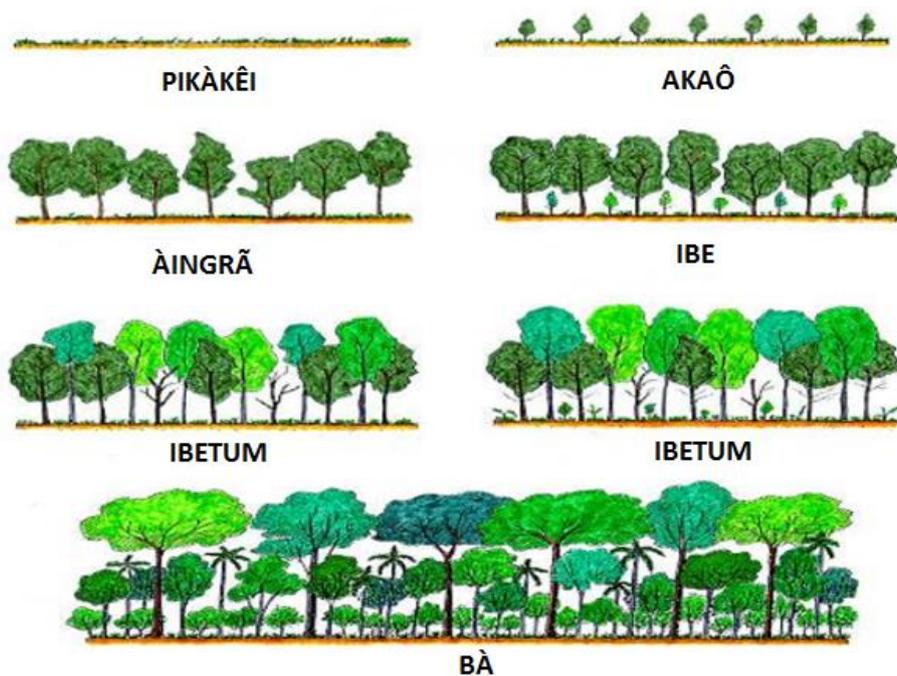


Figura 3.2-4 - Pannel com caracterização de paisagem no idioma Xikrin

A caracterização das áreas de vegetação da terra indígena é importante para que os indígenas possam identificar o potencial de recursos de sua terra, as áreas que precisam de atenção quanto ao componente florístico e para o planejamento das ações a serem executadas.

Após as oficinas preparatórias a equipe do PGTI acompanhou os indígenas no monitoramento de fitofisionomias, ao longo do mês de dezembro de 2016. O objetivo foi identificar espécies vegetais de importância cosmológica para a comunidade, por exemplo, para usos medicinais, artesanato e alimentação. Os resultados obtidos fazem interface com as ações de medicina tradicional e apoio a implantação da farmácia verde do Programa Integrado de Saúde Indígena – PISI.

Na ocasião de um acompanhamento da aldeia Pat-Krô, os indígenas Bep Pokré Xikrin e Krôire Kayapó apresentaram plantas utilizadas para usos diversos. As espécies de interesse de uso indígena são apresentadas no Quadro 3.2-1. A atividade foi evidenciada através de registro fotográfico conforme Figuras 3.2-5 a 3.2-16.

Ao final da atividade foi produzido vídeos, pelos indígenas, nos quais a liderança indígena Pokré da aldeia Kamokti-kô ensina os mais novos sobre os diversos usos das plantas. Os vídeos serão editados e devolvidos para a comunidade para os mesmos replicarem para os moradores das outras aldeias.

Quadro 3.2-1 - Espécies de interesse para diversos usos pelo povo Xikrin

ETNOCLASSIFICAÇÃO	TAXONOMIA	AMBIENTE	FITOFISIONOMIA	USO
MÊ ÔWADJA	Família Fabaceae Subfamília Mimosoideae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Tecnologia de guerra
MRYNIKRIRE	Família Fabaceae Subfamília Mimosoideae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Tecnologia de guerra
KUKRYT KANÊ	Família Bignoniaceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
RÂPREÔ KANÊ	Família Siparunaceae Gênero Siparuna	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
KOKDJOI	Família Lauraceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
AKROKYRE	Família Solanaceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
KAPRÃ KANÊ	Família Bignoniaceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
KANGÃ KANÊ	Família Aristolochiaceae Gênero Aristolochia	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
BAT PRÃ KAYKRIT	Família Fabaceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
PINTÚ TEP KANÊ	Não identificado	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
PINKA KANGOTI	Família Meliaceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal
PIÔ KRYRE	Família Fabaceae	Bá	Floresta ombrófila densa de Terra firme	Medicinal



Figura 3.2-5- MÉ OWADJA



Figura 3.2-6 – MRYNIKRIRE



Figura 3.2-7- KUKRYT KANÊ



Figura 3.2-8- RÁPREÔ KANÊ



Figura 3.2-9- KOKDJOI



Figura 3.2-10- AKROKYRE



Figura 3.2-11- KAPRÁ KANĚ



Figura 3.2-12- KANGĀ KANĚ



Figura 3.2-13- BAT PRÁ KAYKRIT



Figura 3.2-14- PINTÚ TEP KANĚ



Figura 3.2-15- PINKA KANGOTI

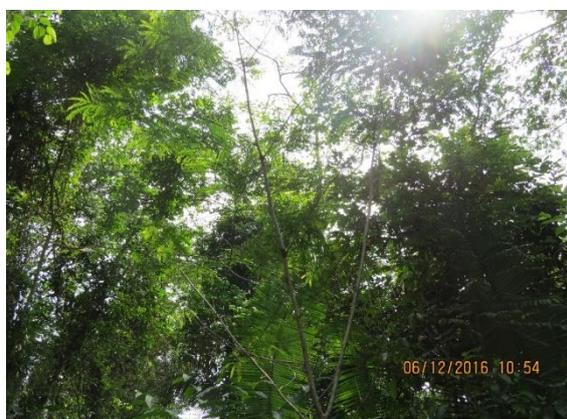


Figura 3.2-16- PIÓ KRYRE

5. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Para o monitoramento agrícola foi explicado que o objetivo do monitoramento é avaliar a “importância da roça na alimentação do Xikrin”. Para tal, foi proposto identificar o quanto é gasto na preparação das roças e qual é o lucro advindo da produção. Também, identificar se a produção é suficiente para as famílias ou comunidade.

Assim, a equipe sugeriu identificar os tipos de cultura, nome na língua e se existe algum ritual ou técnica utilizada ao longo processo. Na ocasião, velho Karangré explicou que existem técnicas para mandioca e batata crescerem mais fortes. Assim, a equipe explicou que as roças serão mapeadas por aldeia e as informações serão sistematizadas e devolvidas para o povo Xikrin.

Portanto o monitoramento proposto compreende:

- Quantificação das roças totais/ano;
- O ciclo de cultivo e recuperação das capoeiras;
- Os principais tipos de ambientes e terras;
- A agrobiodiversidade e disponibilidade de recursos cultivados nas roças familiares;
- Os aspectos de transmissão de conhecimentos e manutenção da diversidade agrícola entre as famílias e
- Os aspectos da culinária associada a estes recursos

O monitoramento dos sistemas agrícolas teve como início nas aldeias Pytakô, Rapkô e Bacajá, durante os dias 02 e 11 de dezembro, e foram realizados questionários direcionados com a comunidade, onde os indígenas puderam relatar suas experiências com agricultura, a forma que seus antepassados faziam e como fazem hoje, qual a produção, a agrobiodiversidade de suas roças, a transmissão dos saberes entre outros questionamentos.

De modo geral, as aldeias cultivam os mesmos componentes agrícolas, que são produzidos em quantidade suficiente para garantir a segurança alimentar, porém, alguns produtos que fazem parte da alimentação básica ainda são comprados. A transmissão de saberes é algo que é presente nas três aldeias, os adultos relatam que aprenderam a prática de cultivo com os pais e avós, e repassam para os mais novos, quando questionados sobre a presença das crianças nos roçados, os indígenas relataram que estas sempre estão presentes, nem sempre ajudam, mas que as levam para aprender.

Aldeia Pytakô

As ações do PGTI na aldeia Pytakô aconteceram entre os dias 01 a 03 de dezembro de 2016. Definiu-se então o acordo de convivência e a reunião foi pactuada para o dia seguinte quando seria possível maior participação da comunidade.

No dia 02 de dezembro pela manhã a equipe iniciou a reunião com a presença de 07 indígenas, conforme Figura 3.5-1.



Figura 3.5-1 Entrevistas para o monitoramento agrícola na aldeia Pytakô.

Para fins metodológicos foi realizado um levantamento de informações a partir de questionamentos sobre o quantitativo de roças por família, o quanto e o que produzem, se mesmo com os plantios há necessidade de comprar alimentação na cidade, e dentre outros pontos que levaram a uma atividade discursiva com os indígenas que estavam presentes na atividade.

De acordo com as informações apresentadas toda a comunidade da aldeia Pytakô trabalham com plantio de cacau, banana, batata, cará, mamão, milho, mandioca, abóbora na roça, sendo que essa dura em média de 4 a 12 meses. No entanto, compram alimentos que acrescentam a sua alimentação, a exemplo do arroz e feijão.

A cultura do plantio de espécies para subsistência é oriunda de seus ancestrais que sempre plantaram banana, mandioca, milho, abóbora e cará. Com o passar dos anos a diversidade de espécies foi sendo acrescentada. Mulheres e crianças também colaboram na atividade.

Aldeia Rapkô

A equipe permaneceu na aldeia Rapkô entre os dias 04 a 06 de dezembro, e logo na chegada foi recebida pela liderança Bepkatenti (Maradona) aproveitando-se o momento para alinhar a organização das atividades que ocorreriam nos dias seguintes.

Desta forma a oficina de monitoramento do sistema agrícola iniciou no dia 05/12/2016 pela manhã, utilizando a metodologia de abordagem através de questionamentos que

facilitaram a discussão e a participação efetiva da comunidade, 12 indígenas participaram da reunião, conforme Figura 3.5-2



Figura 3.5-2 Entrevistas para o monitoramento agrícola na aldeia Rapkô.

Na aldeia Rapkô, a comunidade considera importante a cultura do plantio para alimentação e todos trabalham nas atividades, considerando que existe uma roça por cada família. Parte da alimentação (arroz e feijão) é comprada na cidade, no entanto, a maior parte dos alimentos é oriunda das roças, sendo que a produção dos alimentos se mostra suficiente.

A comunidade tem o costume de plantar para subsistência: melancia, cará, banana, mamão, milho, mandioca e abóbora. O conhecimento sobre o plantio e cultivo foram apreendidos com os mais velhos da aldeia.

O período de duração de uma Puru é de dois anos e trabalham com plantio alternado de áreas.

Aldeia Bacajá

A equipe chegou na aldeia Bacajá no dia 06/12/2016 no período vespertino, sendo recebida pela liderança Katendjyre Xikrin. No dia 08/12/2016 deu-se início aos trabalhos juntamente com a comunidade indígena. No total, 10 indígenas participaram da reunião. Na ocasião, levantou-se informações através de questionamentos sobre a agricultura da comunidade, com o objetivo de caracterizar o sistema agrícola, conforme Figura 3.5-3

A comunidade da aldeia Bacajá também considera a cultura do plantio importante pois é a partir das roças que retiram grande parte da alimentação da aldeia. Espécies como melancia, cará, banana, mamão, milho, mandioca, macaxeira, abóbora e batata-doce fazem parte do ciclo anual, porém, existe a necessidade da aquisição de produtos

como arroz, feijão, macarrão, açúcar e café. Os indígenas relataram que aprenderam com seus ancestrais o cultivo destas culturas anuais, mas consideram importante aumentar a produção.



Figura 3.5-3 Entrevistas para o monitoramento agrícola na aldeia Bacajá.

O período de duração de uma Puru é de dois anos, com plantio alternado de áreas, ou seja, enquanto plantam em nova área, outro local está produzindo. No Bacajá, os entrevistados informaram que cada indígena cuida de uma roça considerando que mulheres e crianças também fazem contribuições.

O monitoramento terá continuidade no ano de 2017, com a realização de entrevistas com o restante das aldeias e diálogo com o Programa de Atividades Produtivas.

6. MONITORAMENTO DA PESCA

O estoque pesqueiro é um tema de grande preocupação para o povo Xikrin da Terra Indígena Trincheira Bacajá, conforme descrito no relatório do Programa de Supervisão Ambiental.

Portanto, o monitoramento participativo da pesca foi utilizado como incentivo para que os indígenas consigam avaliar se tem ocorrido uma variação na composição das comunidades de interesse alimentar, conforme Figuras 3.3-1 e 3.3-2.



Figura 3.3-1 - Oficina de capacitação para o monitoramento da pesca



Figura 3.3-2 - Apresentação de dados de um monitoramento hipotético

Para sintetizar como é o processo do monitoramento ao longo do tempo, foi utilizado figuras simulando uma campanha amostral, por tipo de pesca e ciclo hidrológico. O intuito da metodologia foi de exemplificar como os indígenas serão capazes de perceber a diferenças nas comunidades de peixes longo do tempo.

A seguir foi retomado os conceitos etnoecológicos dos Xikrin¹ “lugares que os peixes gostam de ficar”, conceito o qual se aproxima bastante com a metodologia de amostragem ocidental – por ambiente, de acordo com a morfologia fluvial. Assim, foram apresentadas as espécies de peixes por tipo de ambiente:

- i) Praias (*Pỳkatí*).
- ii) Lagos” (*imô*).
- iii) Pedrais (*kěnpó-kěnkřô*).
- iv) Cachoeiras e corredeiras (*ngô itỳx*).

O objetivo foi esclarecer a importância dos diferentes habitats aquáticos na manutenção da biodiversidade. A seguir, foram mostrados os peixes endêmicos do rio Xingu, com o objetivo de mostrar que é importante registrar todo o tipo de pescado, mesmo os não utilizados na alimentação. Também serão realizadas entrevistas com os pescadores

Após as oficinas preparatórias, o Programa de Gestão Territorial acompanhou a pesca em diferentes regiões – norte, centro e sul – na Terra Indígena Trincheira Bacajá, com objetivo de também registrar as possíveis variações de pesca entre as regiões.

¹ Identificado nos Estudos Complementares do Rio Bacajá.

O acompanhamento foi realizado ao longo do mês de dezembro de 2016 e corresponde ao ciclo hidrológico de enchente. No total, o período de monitoramento durou 16 dias. É importante ressaltar que muito indígenas estão evitando pescar no rio Bacajá, devido à má qualidade de água, segundo os pescadores.

A expedição de caça e pesca da aldeia Pat-Krô foi realizada na microbacia do rio Anapu, não ocorrendo pesca no rio Bacajá. Todas as capturas foram feitas por anzol e linha.

As informações utilizadas para registro da pesca foram:

- O nome do pescador
- O tipo de instrumento utilizado para a pesca;
- A data e hora de saída e regresso;
- O local da pesca;
- Quantidade,
- Peso
- Comprimento

7. MONITORAMENTO DA CAÇA

Para o monitoramento da caça, foram revistos os conceitos de riqueza e abundancia e retomado o exemplo do monitoramento hipotético para os peixes. Assim para o monitoramento de caça foi proposto que, durante o período amostral e nas aldeias que serão realizados os monitoramentos (ver demandas no item abaixo) que o caçador leve um GPS (fornecido pela equipe) e marque os pontos de caça. Ao retornar, o caçador deverá contatar a equipe para que faça o registro da caça (espécies, tamanho, peso, sexo) e também informar qual foi o método de caça (trilha, espera) e captura/abate, conforme Figura 3.4-1 e 3.4-2.



Figura 3.4-1 – Apresentação da proposta para o monitoramento participativo



Figura 3.4-2 - Apresentação da proposta para o monitoramento participativo

No final da oficina, foi apresentado um questionário de uma entrevista semiestruturada para pescadores e caçadores com as seguintes perguntas:.

- Nome
- Aldeia
- Casa
- Principal atividade de subsistência (caça, pesca, coleta, roça)
- Como é realizada a pesca ou caça?
- Qual espécie de animal que costuma caçar/pescar?
- Tem alguma espécie que não pode comer?
- Qual época do ano (sazonalidade)?
- Locais de disponibilidade - onde pega?
- Qual tipo de ambiente? (Terra firme? Lagoa? Igarapé? Rio? Ilha? Etc)
- Horários para caçar e pescar?
- O que é utilizado para caçar ou pescar (utensílios)?

Os itens para registro dos dados de caça e pesca apresentados foram:

- Nome
- Aldeia

- Ferramenta utilizada
- Período Sazonal
- Data e hora de saída para atividade
- Deslocamento (transporte)
- Finalidade da atividade (consumo/venda)
- Local
- Combustível/quantidade
- Quantidade
- Peso
- Comprimento
- Sexo
- Alimento usado para captura (peixes)
- Nome

Após as oficinas preparatórias, o Programa de Gestão Territorial acompanhou a caça em diferentes regiões – norte, centro e sul – na Terra Indígena Trincheira Bacajá, com objetivo de também registrar as possíveis variações de caça entre as regiões.

O acompanhamento foi realizado ao longo do mês de dezembro de 2016 e corresponde ao ciclo hidrológico de enchente. No total, o período de monitoramento durou 16 dias.

As informações utilizadas para registro da caça foram:

- O nome do caçador
- O tipo de instrumento utilizado para a caça;
- A data e hora de saída e regresso;
- O local da caçada;
- Quantidade,
- Peso
- Comprimento

8. DETALHAMENTO DOS PRÓXIMOS MONITORAMENTOS

As próximas etapas do monitoramento das fisionomias de vegetação, buscarão registrar as espécies de flora de interesse de uso. A partir dos mapas de vegetação segundo a classificação indígena serão realizadas visitas aos principais ambientes reconhecidos. Nesses ambientes alguns indivíduos destas espécies serão marcados e georreferenciados com o intuito de quantificar o estoque das espécies de potencial uso. As espécies serão fotografadas (troncos folhas, frutos e flor) e posteriormente identificadas. Essa informação será organizada em um guia de reconhecimento de espécies da flora, baseado na classificação indígena das fisionomias.

O monitoramento do sistema agrícola seguirá com os questionários de levantamento e serão georreferenciadas as roças, identificando as culturas plantadas e sua finalidade (consumo próprio ou comércio). Serão estimados a produção anual e a proporção de consumo de subsistência.

Para os monitoramentos de caça e pesca serão realizadas campanhas de acompanhamento, seguindo as fases do ciclo hidrológico: a do período de enchente já foi iniciada em dezembro de 2016 e será complementada em janeiro e fevereiro; a do período de cheia será realizada entre março e junho; a do período de vazante entre julho e setembro; e a de seca entre setembro e novembro. Cada campanha deverá monitorar 15 dias no período. Dessa forma haverá uma descrição das atividades de caça e pesca por um ciclo hidrológico completo.

9. CONCLUSÃO

A realização das Oficinas preparatórias do monitoramento participativo dos recursos e ambientes prioritários de modo geral foram bem-sucedidas na aldeia Mrotidjã, durante a assembleia geral da ABEX, quando estiveram reunidos os representantes das aldeias da TI Trincheira Bacajá.

Ao final da oficina, todas as presentes demonstraram interesse na realização das atividades do monitoramento participativo em suas aldeias. A equipe reforçou que as ações serão realizadas e atentou sobre a importância de se manter o rigor metodológico durante a realização das atividades de campo, uma vez que a participação indígena nos monitoramentos é fundamental.

As lideranças conversaram e propuseram a possibilidades de fazer o monitoramento por rota de acesso rodoviário das aldeias. Assim, no total ficariam quatro áreas

amostrais (Bacajá, Mrotidjãm, Rapkô/ Py-takô/ Pukayakó, Kamok-tiko/ Pat-krô, Kenkudjoy, Krâhn), por ciclo hidrológico. A equipe do PGTI assentiu e propôs um período médio de 15 dias por ciclo hidrológico. As lideranças presentes então concordaram com a proposta.

Ao longo do tempo de permanência da equipe e das oficinas realizadas (do PGTI e PSA), surgiram discussões e assuntos interessantes, como a relatada abaixo (e contida no relatório do PSA):

Foram discutidas situações cuja a temática tinha relação com o conteúdo das oficinas de divulgação dos resultados de monitoramento dos ecossistemas terrestres, realizadas nos últimos meses de 2016.

Durante a divulgação desses resultados foram abordados questionamentos correlacionados as questões ambientais da TI Trincheira Bacajá, que são temas que despertam a preocupação dos indígenas.

Em um primeiro momento o tema dominante tinha relação com “a invasão da terra indígena por caçadores não indígenas”, situação que ocorre com frequência no interior da terra indígena com o consentimento ou provavelmente impotência das comunidades indígenas frente a esse problema.

Durante essa reflexão ocorreram debates entre os indígenas: os que eram a favor e os que se posicionavam contra essa prática. Ao final do debate, a equipe notou que principal percepção indígena sobre esse problema, apontava na direção da escassez da caça e a dificuldade em se encontrar determinadas espécies nas regiões próximas as aldeias.

O representante da aldeia Prindjãm, Katendjôre Xikrin, conhecido como caboclinho, apresentou a seguinte problematização:

“Sabe o que está acontecendo a muito tempo com nossas aldeias? Sabe porque a gente não consegue parar os caçadores e pescadores brancos? Por causa das amizades. Porque nós Xikrin não sabemos falar a palavra não. Quando a gente sai por ai pelos vizinhos que não é índio, só da gente tomar um cafezinho na casa de alguém, essa mesma pessoa vem visitar a gente na nossa aldeia e já pede logo pra caçar, daí a gente acaba deixando e eles vão acostumando. Poucos dias atrás apareceram dois homens de fora na minha aldeia, tomaram café, conversaram e falaram que ia visitar a aldeia Pat-krô. Mas era mentira, porque eu escutei o barulho da moto deles quando eles foram, mas também escutei tiro quando eles estavam voltando e voltaram de lá com caça na garupa da moto, eu vi um tatu e um cateto. Então o que está acabando com a nossa caça se chama amizade. É isso que está acontecendo e ninguém consegue acabar com isso”.(Katendjôre Xikrin)

O mesmo representante, fazendo uma alusão ao monitoramento prestou outro importante depoimento, relacionado a fauna terrestre:

“Quando eu resolvi abrir a aldeia Prindjãm, perto da divisa da terra indígena com os brancos, todas as noites eu e minha mulher escutava tiro pra todo lado, bem perto do nosso barraco. A gente ficava angustiada com aquilo. Mas daí comecei a percorrer a mata próxima da aldeia e encontrei diversos caminhos de caçadores, encontrei lugar de espera, estava bem bagunçada a coisa. O que eu fiz? Resolvi percorrer a mata também, cortei alguns galhos, derrubei lugar onde o pessoal esperava, fiz eles perceberem que ali o índio já estava tomando conta. O que aconteceu? Eles passaram a respeitar o local. Então, por isso que eu falo, que quando a gente quer resolver a gente resolve, basta marcar presença que esse pessoal vai embora”. (Katendjôre Xikrin)

Um ancião indígena da aldeia Mrotidjãm, Karangré Xickrin, afirmou que a coisa está bagunçada mesmo, pois o esforço para capturar uma caça está bem maior:

“Eu acho muito bom o trabalho que vocês vem fazer aqui. Porque? Vocês se preocupam com os bichos pequenos até os mais grandes, isso é bom para todo mundo aprender, mais eu não sei porque meu pessoal deixou as coisas chegar nesse ponto, os bichos estão se acabando por causa de nós mesmos. Os kuben chegam na nossa área e vão entrando com espingarda, cartucho, tudo a troco de bolacha, açúcar, qualquer coisinha o pessoal deixa eles fazer o que quiser. Está muito ruim assim”. (Karangré Xickrin)

O resultado final dessa atividade foi muito positivo, na medida em que provocou o pensamento crítico dos indígenas sobre os problemas que estão ocorrendo na TI Trincheira Bacajá. Dessa forma, destaca-se o interesse e comprometimento dos representantes indígenas no desenvolvimento destas atividades.